

ÁLBUM DE HISTÓRIA: UM RELATO DE EXPERIÊNCIA EM UMA CASA-LAR EM NOVO HAMBURGO - RS

Évelin Caroline da Silveira¹
Bruna Wendt²

Resumo: O acolhimento institucional é uma medida de proteção provisória e excepcional direcionada a crianças e adolescentes cujos direitos foram ameaçados ou violados. Embora a reintegração da criança junto à sua família de origem ou extensa seja o objetivo primordial, nas situações em que isso não é possível, há a destituição do poder familiar e a criança é encaminhada para adoção. O processo de adoção exige preparação das famílias pretendentes e das crianças acolhidas. Este trabalho objetivou relatar a experiência de uma estagiária no processo de preparação para a adoção de uma criança acolhida em uma casa-lar no município de Novo Hamburgo, entre agosto/2022 e agosto/2023. O estágio foi orientado e supervisionado pela equipe técnica de gerência da Proteção Social Especial de Alta Complexidade do município, e por uma professora do curso de Psicologia da Faculdade IENH - Novo Hamburgo. As intervenções tiveram como inspiração o programa construído pelo Instituto Fazendo História, que propõe a produção de um álbum contando a história da criança desde o nascimento até o momento atual, o qual ela leva consigo após adoção ou na maioridade, para que possa seguir construindo. Foram planejados um total de sete encontros, cujos temas a serem trabalhados foram assim categorizados: sobre mim, sobre os outros e rotina. Esta experiência possibilitou aprendizados referentes aos processos de adoção, incluindo a busca por pretendentes no Sistema Nacional de Adoção, a abertura do Procedimento Preparatório para a Adoção e os efeitos psicológicos observados nas crianças e adotantes. Também possibilitou uma reflexão sobre o desacordo entre o tempo da justiça, que envolve a conclusão do processo de destituição, e o tempo subjetivo de cada criança, que engloba a elaboração do luto da perda da família biológica e abertura para um novo processo de filiação, permitindo contribuir na facilitação desse processo.

Palavras chave: Acolhimento Institucional. Adoção. Fazendo Minha História.

C
I
P
P
U
S

(ISSN2238-9032)

¹ IENH Faculdade Novo Hamburgo. E-mail: evelinsilveirapsi@gmail.com

² Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS)

History Album: An experience report from a residential care institution in Novo Hamburgo - RS

Abstract: Residential care is a provisional and exceptional protection measure for children and adolescents whose rights have been threatened or violated. Although the child's reintegration into his or her original or extended family is the primary objective, in situations where this is not possible, family power is removed and the child is referred for adoption. The adoption process requires preparation from intending families and foster children. This work aimed to report the experience of an intern in the process of preparing for the adoption of a child in care into a residential care institution in the municipality of Novo Hamburgo, between August/2022 and August/2023. The internship was guided and supervised by the technical management team of the municipality's High Complexity Special Social Protection, and by a professor from the Psychology course at Faculdade IENH - Novo Hamburgo. The interventions were inspired by the program developed by the Instituto Fazendo História, which proposes the production of an album telling the child's story from birth to the present day, which the child takes with him after adoption or when he reaches adulthood so that he can continue to build on it. A total of seven meetings were planned, whose themes to be worked on were categorized as follows: about myself, about others and routine. This experience enabled learning regarding the adoption processes, including the search for suitors in the National Adoption System, the opening of the Preparatory Procedure for Adoption and the psychological effects observed on children and adopters. It also enabled a reflection on the disagreement between the justice system's timeframe, which involves the conclusion of the destitution process, and each child's subjective timeframe, which encompasses mourning the loss of the biological family and opening up to a new process of filiation, making it possible to contribute to facilitating this process.

Keywords: Residential care. Adoption. Fazendo Minha História (Making My Story).

INTRODUÇÃO

Durante muito tempo as instituições religiosas de caridade eram as principais responsáveis pelo cuidado às crianças órfãs, eram os chamados internatos para menores e orfanatos. A história destas instituições totais é marcada, principalmente, por ações higienistas e de segregação, em que a convivência familiar e social era mínima ou inexistente. Foi ainda no período colonial que, no Brasil, iniciou-se um sistema de recolhimento de crianças, a chamada Roda dos Expostos:

A roda consistia em um dispositivo cilíndrico, giratório de madeira, com uma parte para fora e outra parte para dentro da casa, no qual as crianças eram deixadas, sem identificar quem as abandonava. A Roda dos Expostos destinava-se ao acolhimento de bebês abandonados, eram criados até os três anos de idade por amas de leite mercenárias. Após esta idade voltavam para a Casa dos Expostos que tentava meios de colocar tais crianças em casa de famílias. A Roda também era usada como ameaça para as crianças obedecerem a seus pais, estimulando o abandono e a irresponsabilidade dos pais. (SOUSA, 2010, p. 26)

Posteriormente, essas instituições passaram a ser regidas pelo Código de Menores (BRASIL, 1927), a primeira legislação dedicada à proteção de crianças e adolescentes no Brasil, a qual reiterou a percepção da criança como objeto de tutela do Estado. Cavalcante et al. (2018) apontam que, a partir do processo de redemocratização do país e da promulgação da Constituição de 1988, houve o fortalecimento das lutas pela conquista dos direitos de crianças e adolescentes e também o início da desconstrução do estigma que relacionava pobreza e delinquência.

Em 1990, foi aprovado o Estatuto da Criança e do Adolescente - ECA (BRASIL, 1990), o qual consolidou novas formas de conceber a infância e a adolescência, bem como trouxe mudanças quanto às práticas de cuidado em caso de situação de risco e afastamento familiar. É a partir do ECA que o acolhimento institucional passa a ser definido como uma medida de proteção provisória e excepcional, a ser implementada quando os direitos da criança e/ou adolescente estiverem sendo ameaçados ou violados, não implicando na privação da convivência comunitária e familiar. De acordo com a lei nº 13.509, de 22 de novembro de 2017, a criança pode permanecer acolhida até, no máximo, 18 meses. Depois desse prazo, a criança deverá retornar ao núcleo familiar e/ou à família extensa, e quando isso não for possível, a lei prevê a colocação da criança em família substituta através do processo de adoção, sendo “[...] assegurada a convivência familiar e comunitária, em ambiente que garanta seu desenvolvimento integral” (BRASIL, 1990).

Em situações em que houve o acompanhamento da família de origem através do Plano Individual de Atendimento - PIA (BRASIL, 2009), durante a aplicação da medida e, ainda assim, não foi possível assegurar que tal ambiente fosse seguro e protetivo para a criança, pode ocorrer o processo de destituição familiar. Nesse caso, o mais comum é que se interrompam as visitas da família, e a criança seja acompanhada pelos profissionais da instituição ou da rede socioassistencial de referência em seu processo de luto pelo rompimento desse vínculo. A partir desse momento, as equipes técnicas das instituições de acolhimento, bem como equipes técnicas de outros serviços que atendem a criança, podem começar a preparação desta para um processo de colocação em família substituta, através do Procedimento Preparatório à Adoção - PPA.

Importante ressaltar que, muitas vezes, as crianças em acolhimento passam por processos de apagamento de sua história, visto que, muitas delas, mantém pouco ou nenhum contato com a família de origem, a qual tende a resguardar parte de suas histórias e memórias prévias ao acolhimento. A rotina do acolhimento institucional é marcada por muito dinamismo, seja pelos processos frequentes de acolhimento ou desacolhimento de crianças, seja pela alta rotatividade dos profissionais de referência, sejam eles educadores sociais ou técnicos. Essas mudanças podem interferir na prática de registro das histórias do dia-a-dia, fazendo com que muitas memórias e parte de sua identidade se percam, especialmente para as crianças menores. Conforme Lopes et al. (2016), a história da criança passa a ser permeada pelos não ditos e omitidos na relação com os profissionais do acolhimento, criando especulações, sem que haja uma narrativa linear e contínua. Considerando as Orientações técnicas para os serviços de acolhimento, em relação aos registros da história da criança, é importante que durante o PPA já exista um álbum de história da criança, ou que pelo menos este comece a ser desenvolvido a partir do início desse processo. Como refere o documento:

Sempre que possível, a fim de promover um sentido de identidade própria, a criança e o adolescente – com o apoio de um educador/cuidador, família acolhedora ou pessoa previamente preparada – devem ter a oportunidade de organizar um livro de sua história de vida que reúna informações, fotografias e lembranças referentes a cada fase de sua vida, ao qual poderão ter acesso ao longo do ciclo vital. Esse livro deve ser uma produção da própria criança ou adolescente, com fotos e outras criações de sua autoria. No momento do desligamento, esse registro deve fazer parte dos objetos pessoais que a criança ou adolescente levará consigo. (BRASIL, 2009, p. 52)

A importância de reunir essas lembranças de forma que a criança possa levar consigo, é corroborada pela afirmação de Peiter (2016, p. 51), quando este aponta que “o ingresso da nova família introduz um tipo de descontinuidade histórica”. Dessa forma, torna-se ainda mais relevante lembrar a história pregressa, e construir com a criança uma narrativa que possa conectar os acontecimentos de sua

vida, visto que:

Quando não falamos com a criança e o adolescente sobre o que viveu, eles continuam expressando suas angústias e sofrimentos, não por meio de palavras, mas por meio de comportamentos agressivos, da dificuldade em se vincular, do choro, da enurese noturna, dos mais diversos sintomas (VIDIGAL, 2022, p. 25).

Metodologia

O trabalho aqui descrito foi realizado pela aluna e autora do texto em seu estágio curricular. A intervenção foi feita com Bia³, uma criança de 6 anos de idade que já havia sido destituída do poder familiar e estava em processo preparatório para adoção, em uma casa-lar no município de Novo Hamburgo. A aluna esteve acompanhando a rotina da casa-lar desde agosto de 2022, e havia algum tempo que a criança sinalizava aos profissionais a vontade de estar em uma nova família. Como seu álbum de história ainda não havia sido iniciado, pensou-se na proposta da construção deste, com a mediação da estagiária.

Buscou-se inspiração no *Programa Fazendo Minha História*, idealizado pelo Instituto Fazendo História, o qual forma voluntários que irão trabalhar no projeto de construção dos álbuns pessoais com crianças e adolescentes acolhidos institucionalmente. No programa, originalmente, os encontros são grupais, sempre iniciando com uma mediação de leitura, visto que “(...)a mediação possibilita à criança acessar o universo da fantasia, do “faz de conta”, conferindo-lhe estimulação cognitiva e o incentivo para a construção de narrativas próprias”(Lopes et al., 2016, p. 28). Devido às particularidades do caso, a proposta foi adaptada e modificada para ser desenvolvida com uma única criança. Os encontros foram semanais, com duração de aproximadamente uma hora e trinta minutos cada, iniciando em agosto de 2023. Para cada encontro, foi escolhido um tema norteador a ser trabalhado, de forma que os temas foram subdivididos em três eixos temáticos: “sobre si”, “sobre os outros” e “rotina”. Para cada eixo, foram pensadas adaptações de atividades propostas pelo *Programa Fazendo Minha História*, conforme tabela a seguir:

Tabela 1. Atividades⁴ por eixo temático

Eixos	Atividades			
SOBRE SI	Carteira de identidade	Cada um é um	Medo, medinho, medão	São tantas emoções
SOBRE OS OUTROS	Quem é quem família	Pessoas da minha vida	Pedro e Tina, melhores amigos	Casinha Feliz
ROTINA	O eixo “Rotina” foi estabelecido como um norteador para a estrutura dos encontros, a fim de possibilitar uma forma de organizar a produção do álbum e a expectativa da criança. As atividades neste eixo envolviam datar, legendar e descrever as fotografias e atividades, além de utilizar-se de recursos que auxiliassem a criança a reconhecer quando em sua rotina ocorreriam os encontros.			

Fonte: Desenvolvida pela aluna autora.

Fazendo a história de Bia

Foram previamente planejados um total de sete encontros, levando em consideração o período

³ Nome fictício a fim de preservar a identidade da criança.

⁴ Atividades referidas encontram-se no site do *Programa Fazendo Minha História*.

médio comum de finalização do processo de colocação em família substituta. Ainda assim, priorizou-se respeitar os processos de elaboração da criança, e o tempo envolvido neles, mais do que fazer as atividades e produzir páginas no álbum. Dessa forma, as atividades foram servindo como inspiração/guia, com foco maior nos objetivos por trás de cada uma.

O momento de encontro para produção do álbum acontecia na sala de visitas da equipe técnica, que ficava em um espaço ao lado da Casa-lar. O espaço dispunha de sofá, tapete, mesa, material de escritório e escolar para atividades, além de brinquedos e livros. Os encontros foram exclusivamente com Bia, mediados pela aluna.

O material utilizado para fazer o álbum foi um caderno fichário com capa plástica, para o qual produziu-se uma capa em cartolina de cor rosa, escolhida pela criança. Na capa, continha o título “Minha História”, com uma foto da criança, escolhida por ela. Posteriormente, foi encapado com papel plástico adesivo com o objetivo de que tenha maior durabilidade, permitindo que a criança e a família possam acessá-lo ao longo de todo o seu desenvolvimento. Os desenhos e produções de Bia também receberam furos na lateral e foram sendo anexados ao álbum.

O passo inicial foi solicitar à equipe técnica e educadoras residentes fotos da criança em momentos da rotina, em eventos específicos, além de fotos com a família de origem e com pessoas com quem a criança tinha um maior laço afetivo. Quando os encontros começaram, a criança já havia iniciado o processo de aproximação com a família pretendente à adoção, então também foram solicitadas à equipe técnica, fotos das chamadas de vídeo, passeios e visitas da família com a criança. Neste primeiro momento, foram resgatadas somente as fotos que incluíam os acolhidos, colegas de escola e profissionais que estavam envolvidos no cuidado da criança, sendo resguardadas ainda com a equipe técnica as fotos da família de origem e família pretendente. Em conjunto com a criança, era definido onde cada foto ficaria localizada no álbum, e a disposição delas nas páginas, além da legenda que cada uma receberia. Em função do tempo curto, o processo de colagem e escrita, propriamente dito, era realizado pela estagiária ao longo da semana, antes do próximo encontro.

Em um dos encontros foi usada como inspiração a atividade “Cada um é um”, que teve como objetivo lançar um olhar para as diferenças e semelhanças físicas entre as pessoas, com vistas a facilitar a autopercepção e valorização de si. Para mediar esta atividade, utilizou-se o livro “Meu crespo é de rainha”, da autora bell hooks. Após, foram discutidas as diferenças e semelhanças entre Bia, a estagiária, as profissionais do acolhimento e demais pessoas do seu convívio.

No primeiro contato com suas fotos impressas, Bia ficou bastante animada e envolvida em contar à aluna o contexto de cada foto. Ao final do encontro, ela demonstrou muito interesse em ter as fotos ao seu alcance, para mostrar e contar suas histórias à educadora residente e aos outros acolhidos. Percebeu-se que este era o resultado que a intervenção buscava e, dessa forma, ficou combinado que as fotos ficariam sob os cuidados da educadora residente, a fim de que Bia pudesse acessá-las sempre que quisesse.

No encontro em que foi adaptada a atividade “Carteira de identidade”, foram produzidas as páginas iniciais para o álbum com dados básicos dos registros, como: nome completo, idade, data de nascimento, etc. Outras informações mais subjetivas também foram acrescidas, como: apelido, brincadeira favorita, amigos mais próximos, adulto de referência (com quem tem maior afinidade), o que mais gosta de comer, o que mais gosta em si mesma, etc. Essa proposta auxilia no fortalecimento de seu senso de identidade pessoal, valoriza a história desse período de sua vida e reforça a autoestima da criança, ou seja, a percepção sobre seu próprio valor.

A partir da adaptação da atividade original “Medo, medinho, medão”, foram trabalhadas as fantasias em relação aos medos e inseguranças de Bia. Iniciou com uma contação de histórias em vídeo,

do livro “Chapeuzinho Amarelo”, de Chico Buarque. A proposta foi que ela pudesse fazer uma produção em desenho sobre os medos que tinha. Nesta atividade, Bia preferiu desenhar a si mesma com medo, sinalizando no desenho como era possível identificar no seu corpo cada emoção. As definições que foi narrando foram sendo descritas pela aluna nas margens do desenho⁵, no objetivo de facilitar que a narrativa pudesse ser reproduzida e reforçada pelos adultos, sendo recontada a ela.

No encontro em que se propôs a adaptação da atividade “São tantas emoções”, foram feitas fotografias da criança e da estagiária com expressões faciais alusivas a cada emoção. A aluna fotografava a criança e, posteriormente, a criança fotografava a aluna, incentivando a autonomia da criança e valorizando a confiança estabelecida neste vínculo. A identificação das emoções é a etapa inicial do processo complexo de regulação emocional, o qual envolve ainda o manejo, a modulação e a expressão das nossas emoções (Leahy et al., 2013), sendo uma habilidade essencial para a convivência em sociedade e para a construção de vínculos saudáveis. Nesse momento, Bia sentiu-se mais confortável para compartilhar sobre seus medos, e pode-se pensar em conjunto em estratégias para o seu manejo como, por exemplo, recorrer às figuras de referência em sua rede de apoio. Nessa rede, Bia também incluiu os pretendentes à adoção, especialmente para os momentos fora da casa-lar, começando a apontar para um processo de consolidação do vínculo de filiação.

No início dos encontros no eixo temático “sobre os outros”, a equipe técnica comunicou que o desacolhimento e a adoção de Bia estavam em vias de serem finalizados. Dessa forma, os encontros seguintes voltaram-se à finalização do álbum e à inclusão das fotos remanescentes no mesmo, especialmente os registros da família de origem, amigos, e família pretendente.

Bia tem uma irmã mais nova que também esteve acolhida na mesma instituição e encontra-se em estágio de adaptação com uma família adotiva⁶. Ao segurar a foto da irmã em suas pequenas mãos, Bia permaneceu imóvel durante um tempo olhando-a, e em seguida disse: “Estou com saudade da Andressa⁷”. Em certo momento começou a observar seu tamanho e o da irmã na foto, e indagou-se sobre como ela estaria agora, até finalmente dizer chateada: “Quero ver a Andressa!”. Bia saiu da sala e buscou a psicóloga técnica, que a acolheu e reafirmou que a visita à irmã não era possível. Sugeriu, então, que pudesse fazer uma carta, a qual a técnica poderia entregar para a juíza, e solicitar que fosse anexada ao processo de adoção da irmã, permitindo o acesso pela família adotante. Bia demorou a aceitar a proposta, e demonstrou momentos de ambiguidade em relação a querer estar em uma nova família, ao mesmo tempo em que sentia saudades da irmã. Aos poucos, foi aceitando a ideia, e solicitou auxílio da aluna para a produção da carta.

No último encontro, foram apresentadas as fotografias da família de origem e da família pretendente à adoção. Vidigal (2022) ressalta que:

A família é um dos aspectos centrais da história de qualquer pessoa. Independentemente dos motivos que levaram à separação da criança ou do adolescente desse núcleo, sua família merece ser valorizada e respeitada (VIDIGAL, 2022, p. 29).

Este encontro teve por objetivo recuperar sua história e sua identidade a partir de trocas estabelecidas com estes familiares. Posteriormente, a aluna incluiu informações básicas próximo às fotos,

⁵ As descrições de Bia sobre o desenho de si mesma com medo foram: “Cabelo arrepiado de medo; olhos arregalados; braços e pernas tremendo de medo”. Escolheu a cor verde para desenhar e descreveu: “está verde de medo, verde de limão azedo”.

⁶ Preferencialmente, irmãos devem ser adotados conjuntamente, porém em situações excepcionais, é feita a colocação em separado.

⁷ Nome fictício a fim de preservar a identidade

como: nome, data de nascimento, grau de parentesco, também deixando espaço para registros futuros sobre essas relações.

Durante todo o período de produção do álbum foi trabalhado o eixo “rotina”, mantendo-se o cuidado de descrever e legendar as fotos e as produções de Bia. Conforme Vidigal (2022):

As legendas são fundamentais para que, no futuro, a criança ou adolescente possa conhecer detalhes da história guardada numa determinada imagem. Por isso, as fotos devem vir acompanhadas de relatos escritos sobre quem está nela, onde foi tirada e o que estava acontecendo no momento do “clique” (VIDIGAL, 2022, p. 95).

Ests registros auxiliam na contextualização, e facilitam que a narrativa possa ser recontada pelos adultos responsáveis, a fim de reforçar e fortalecer a história da criança, visto que ela ainda não era alfabetizada. Cabe ressaltar que o objetivo não é que a criança saiba contar os fatos registrados tal e qual ocorreram, e sim que tenha um espaço para contar-se e para apropriar-se de sua própria história, não havendo tantos hiatos ou lacunas sem narrativas.

O percurso encerrou-se quando saiu o despacho para o desacolhimento de Bia, sendo apresentada a proposta do álbum à família adotante. Bia pôde mostrar o álbum aos pais, levando-o com ela para contar suas histórias e construir novas narrativas e significados para a sua vida.

Considerações Finais

Esta experiência possibilitou acompanhar o processo de filiação acontecendo, e toda ambiguidade de sentimentos e emoções da criança frente à elaboração do luto pelo afastamento da família biológica, e abertura para o vínculo com uma nova família. Verificou-se a importância de observar e respeitar o tempo psíquico da criança, enquanto ocorre o processo jurídico, visto que nem sempre as crianças estarão preparadas para romper os vínculos familiares biológicos ou completamente abertas e disponíveis para estabelecer novos vínculos afetivos com os pretendentes à adoção (PEITER, 2011). A construção dessas relações se dá aos poucos, e envolve disponibilidade de ambas as partes.

Destaca-se a importância de possibilitar espaços para que a criança seja efetivamente ouvida, respeitando as particularidades do seu período de desenvolvimento e o tempo de processamento do luto. Permitir que ela expresse livremente suas expectativas, medos e angústias é essencial, buscando acolher os momentos de ambiguidade e reconhecer que eles fazem parte deste processo.

Conclui-se que o espaço para produção do álbum de história vai na direção contrária à herança deixada pelas instituições totais, visto que estas últimas reforçavam práticas segregatórias e não olhavam o sujeito em sua singularidade. A construção do álbum oferece à criança a possibilidade de construir e apropriar-se de uma narrativa singular a respeito de sua própria história, com todas as dores e alegrias que a compõem. O narrar e recompor sua própria história fornece elementos para sua construção subjetiva de identidade, ajudando a dar sentido aos acontecimentos e evitando que haja um apagamento de sua história anterior à adoção.

Entende-se que este é um estudo inicial, que objetivou relatar uma experiência específica de estágio em psicologia, e que, portanto, não dá conta da complexidade de todos os temas expostos. Conclui-se que há um vasto campo de pesquisa ainda a ser explorado dentro desta temática, objetivando que as práticas educativas e de cuidado estejam cada vez mais alinhadas à legislação vigente e atendam integralmente as necessidades de crianças e adolescentes acolhidos.

REFERÊNCIAS

BRASIL. **Decreto nº 17.943 A, de 12 de outubro de 1927.** Código de Menores. Disponível em: <<https://www2.camara.leg.br/legin/fed/decret/1920-1929/decreto-17943-a-12-outubro-1927-501820-publicacaooriginal-1-pe.html>>.

BRASIL. Orientações técnicas: serviços de acolhimento para crianças e adolescentes. 2009. Disponível em: <https://www.mds.gov.br/webarquivos/publicacao/assistencia_social/Cadernos/orientacoes-tecnicas-servicos-de-acolhimento.pdf>

BRASIL. **Lei nº 13.509, de 22 de novembro de 2017.** Dispõe sobre adoção e altera a Lei nº 8.069, de 13 de julho de 1990 (Estatuto da Criança e do Adolescente). Disponível em: <https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2015-2018/2017/lei/l13509.htm>.

BRASIL. **Orientações técnicas para elaboração do Plano Individual de Atendimento (PIA) de crianças e adolescentes em serviços de acolhimento.** 2018. Ministério do Desenvolvimento Social. Brasília, DF. Disponível em: <https://www.mds.gov.br/webarquivos/arquivo/assistencia_social/Orientacoestecnicasparaelaboracao-doPIA.pdf>

BUARQUE, C. **Chapeuzinho amarelo.** 41. ed. Yellowfante, 2020.

CAVALCANTE, L. I. C. et al. **Acolhimento Institucional de Crianças e Adolescentes: teorias e evidências científicas para boas práticas.** Juruá, 2018.

HOOKS, B. **Meu crespo é de rainha.** Boitatá, 2018.

LEAHY, R. L.; TIRCH, D.; NAPOLITANO, L. A. **Regulação emocional em psicoterapia: um guia para o terapeuta cognitivo-comportamental.** Artmed Editora, 2013.

LOPES, B. M. R. et al. Liga de cores: Relatos sobre direito à história da criança no contexto do acolhimento institucional. **Revista de Psicologia**, v. 7, p. 224-231, 2016. Disponível em: <<http://repositorio.ufc.br/handle/riufc/21219>>.

PEITER, C. **Adoção: vínculos e rupturas: do abrigo à família adotiva.** Adoção: vínculos e rupturas: do abrigo à família adotiva. 2. ed. Zagodoni Editora, 2014. p. 128-128.

SOUSA, B. D. R. R. D. Reflexões sobre a experiência de Acolhimento Institucional Infantil. Dissertação mestrado, Pontifícia Universidade Católica de Goiás, 2010. Disponível em: <<http://tede2.pucgoias.edu.br:8080/handle/tede/2034>>

VIDIGAL, C. **Fazendo minha história: Guia de ação para colaboradores.** São Paulo, 2022.

INSTITUTO FAZENDO HISTÓRIA. Disponível em: <<https://static1.squarespace.com/static/56b10ce8746fb97c2d267b79/t/56bcc5567da24f4faa269479/1455211873350/guiafmh.pdf>>